

Português com sotaque

Elísio Estanque, 11 de janeiro de 2014, Público

Se a língua de Camões é a grande referência, precisamos de saber conjugar o cânone clássico com a criatividade inventiva das suas múltiplas pronúncias e usos (na Europa, em África ou no Brasil), em vez de tentar impor um padrão único a todos os seus falantes. Ao longo de um ano em que deambulei pelo Brasil, deparei-me com múltiplas situações dúbias relacionadas com as nuances da nossa língua comum. Seja pela diferente sonoridade das falas, seja pelo recurso a formulações estranhas para um brasileiro, somos muitas vezes confrontados com a súbita interjeição: “Oi?...”, que quer dizer: “o que é que você falou?”, “não percebi nada!”. A referência à língua e aos “sutaquis” de ambos os lados do Atlântico é o pretexto para ilustrar as “desventuras” de um “indígena” do Alentejo quando, mergulhado em atmosferas tropicais, faz uso de uma linguagem coloquial com o som “lá da terrinha” (como eles dizem). E o mesmo pode ser dito a propósito de um “brazuca” quando viaja por Portugal em busca das suas raízes lusitanas.

Entre autocarros e ônibus, bicas e cafezinhos, comboios e trens, elétricos e “bondjinhos”, fumantes e fumadores, raparigas e moças, pequeno almoço e café da manhã, para além do “rato” (de computador), que no Brasil se diz “mause” (imagine-se a minha dificuldade quando entrei numa loja de informática e pedi um “tapete de rato” e mais tarde descobri que teria de perguntar por um “ponto de mause”), ou da gíria do futebol, onde o “guarda-redes” é o “goleiro”, o “canto” é o “escanteio”, o “defesa” é o “zagueiro”, etc., etc., sem esquecer os nomes de produtos que por cá adquiriram a designação das respetivas marcas (como o “Ban-Aid”, que é um penso-rápido) ou, por exemplo, o pequeno apartamento onde resido que aqui é um “kitnet”... Entre os “caras” (sinónimo de rapaz, tipo, gajo) e o “Ki-barato” (nome de uma lanchonete), enfim, as subtilezas linguísticas podem por vezes atrapalhar, mas em geral tudo se resolve com risadas e curiosidades. E em português nos entendemos.

(...)

O encanto da língua reside na diversidade das suas pronúncias e vocalidades, embora haja quem se aproveite das diferenças para justificar erros gramaticais inaceitáveis. Porém, os brasileiros sabem apreciar o estilo português de falar, desde que se evite aquele rápido jargão de consoantes (“ss” e plurais) entoados com “ch” final ou as vogais fechadas; e os portugueses podem perfeitamente “curtir” a sonoridade cantada da pronúncia brasileira, desde que se evite aquela língua enrolada de algumas regiões onde o “rrs” guturais se confundem com “ggs” e resultam numa pronúncia estranha em frases como a “pogta vegde”... Seja devido à presença de imigrantes, seja por influência das novelas, ou, atualmente, pela crescente chegada de jovens quadros portugueses ao Brasil, a língua portuguesa parece ganhar um novo protagonismo no mundo. À parte o (controverso) acordo ortográfico, é a alteração dos fluxos migratórios e a recomposição dos segmentos sociais que hoje atravessam o Atlântico em ambas as direções, e é o papel do Brasil na economia global, que mais ajudam a ampliar a presença do português no mundo. Dois sotaques, uma só língua.